

Entrevista com...

# Fernando Faria de Oliveira

Presidente da Associação Portuguesa de Bancos



“... a banca europeia, no geral, está a viver a maior e a mais rápida transformação das últimas décadas. Essa transformação tem implicações directas na eficiência do capital, na eficiência do *funding*, na eficiência da liquidez e na eficiência dos custos.”

## I: Como caracteriza o impacto da crise internacional na banca portuguesa?

**FFO:** Eu creio que a banca europeia, no geral, está a viver a maior e a mais rápida transformação das últimas décadas. Essa transformação tem implicações directas na eficiência do capital, na eficiência do *funding*, na eficiência da liquidez, na eficiência dos custos, na rendibilidade. São as grandes áreas em relação às quais toda a banca europeia está, neste momento, profundamente envolvida. Trata-se de uma verdadeira revolução, com mudanças intensas nas áreas regulatórias e de supervisão e de alteração do paradigma da banca, do modelo de negócio das instituições, tudo visando o fortalecimento do sector e o aumento da confiança.

A banca portuguesa, inserida neste contexto europeu, é ainda afectada pelas condições concretas que o nosso país vive. Desde logo pelo efeito da crise económica e financeira de 2007-2009, (onde mostrou notável resiliência e excelente desempenho) e, posteriormente, pela crise da dívida soberana, onde merece destaque o apoio que concedeu ao Estado no seu financiamento. O programa de ajuda financeira a Portugal contém um capítulo específico destinado ao sector bancário e ao seu fortalecimento. Os bancos têm respondido aos novos requisitos e exigências através, designadamente, de planos de desalavancagem, de financiamento e de reforço de capital, que são aferidos com o Banco de Portugal e, também, com a *troika*.

"A banca portuguesa teve uma capacidade de resposta notável em termos de solidez..."

#### I: Como tem então evoluído a banca portuguesa?

**FFO:** Do ponto de vista da liquidez, a situação melhorou substancialmente nos últimos meses devido ao bom comportamento dos depósitos e à política de concessão de liquidez do Banco Central Europeu (BCE). Podemos dizer que os bancos portugueses têm praticamente assegurada, em termos de liquidez, a sua sustentabilidade durante os próximos dois anos. Do lado da rentabilidade, os bancos portugueses estão a ser afectados por vários factores: a diminuição da margem financeira, pressionada pelo perfil das carteiras, nomeadamente nas instituições que têm uma quota significativa de crédito à habitação e de créditos a longo prazo, com *spreads* desajustados das actuais circunstâncias de mercado; aumento do incumprimento devido à crise económica, principalmente de empresas, obrigando os bancos a registar imparidades e a reforçar provisões; registo de imparidades devido às depreciações da carteira de títulos, fruto da volatilidade do mercado de capitais; aumento do custo dos depósitos. Todos estes factores vêm contribuindo para baixar a rentabilidade dos bancos. Como é sabido, no final de 2011, vários bancos apresentaram mesmo prejuízos, mas a esta factura adicionou-se o impacto da transferência dos Fundos de Pensões para a Segurança Social.

#### I: E no capítulo da solvência?

**FFO:** Os bancos foram muito resilientes durante todo o período da crise económica internacional de 2008 a 2009. Neste momento, apresentam uma boa situação de solvabilidade, com rácios de Core Tier I que obedecem aos critérios definidos no âmbito do programa de ajustamento. Por outro lado, os planos de recapitalização contemplam os requisitos adicionais impostos pela EBA (European Banking Authority), relacionados, designadamente, com os "haircuts" da dívida soberana. Vão realizar os aumentos de capital necessários para cumprirem as metas de Core Tier I fixadas. De facto, os bancos estão a cumprir plenamente os planos de desalavancagem previstos e, ao mesmo tempo, preparam, junto dos seus accionistas ou com a utilização dos mecanismos de recapitalização criados, os aumentos de capital que venham a verificar-se necessários.

Ainda do ponto de vista da solidez das instituições, há

"O aumento dos depósitos revela um aumento da confiança dos depositantes..."

que referir dois aspectos positivos: quer os *stress tests*, como as auditorias externas realizadas no âmbito da aplicação do programa de ajustamento vieram confirmar que os bancos estavam bem apetrechados em termos de solvência e que os seus modelos de análise de risco eram adequados.

Realço ainda que o aumento dos depósitos que tem vindo a registar-se na generalidade dos bancos portugueses é um elemento muito significativo da confiança dos depositantes, sejam particulares, sejam empresas. O crescimento dos depósitos tem contribuído para a melhoria da liquidez dos bancos e para a redução da taxa de transformação, aproximando-a do objectivo fixado no programa da *troika*. Por isso, é altura de repetir que uma das primeiras obrigações e missões dos Conselhos de Administração dos bancos é a rentabilização e preservação dos depósitos dos seus clientes. Como o têm feito.

"O objectivo é encontrar soluções equilibradas tendo em conta os interesses comuns do cliente e do banco."

#### I: E quanto à economia? Qual tem sido o papel da banca?

**FFO:** Os bancos são fundamentais para apoiar a economia e o seu crescimento. Vale a pena enfatizar essa questão, que tem a ver com a importância insubstituível e vital dos bancos para o apoio à economia, aos seus vários sectores, e para suportar o seu crescimento. Mas deixei-me começar por salientar que, quando nos referimos ao financiamento da economia, não estamos apenas a pensar no crédito, há outros factores muito relevantes, que muitas vezes não são devidamente considerados, como é o caso do pagamento atempado de facturas entre empresas e do Estado às empresas. É preciso resolver rapidamente a situação do atraso nestes pagamentos, por vezes muito excessivos, que penalizam fortemente a exploração das empresas. Recordo que ao contrário dos Estados Unidos, onde 75% da economia é financiada pelo mercado de capitais, na Europa são os bancos que financiam dois terços da economia – o mercado de capitais tem um peso muito inferior ao que seria de esperar.

A banca portuguesa vai ter de estar na primeira linha do apoio ao crescimento económico e, mesmo, constituir-se como o seu motor, apoiando a exploração corrente das empresas, os investimentos para a sua modernização e os novos investimentos, designadamente no sector dos bens transaccionáveis. É por isso que é tão essencial ter uma banca forte e recapitalizada.

A concessão de crédito às empresas com balanços saudáveis, às empresas competitivas e inovadoras, com bons

"A APB responde a estas solicitações com grande qualidade, dando contributos muito significativos, grande parte dos quais constam nos documentos finais."

projectos, é uma das funções principais que a banca cumpre. Mas, também, a sua participação em instrumentos de recapitalização das empresas, em capital de risco (semente, mezanine, de desenvolvimento), no incentivo ao acesso e utilização do mercado de capitais (emissão de obrigações, p.e.) e nos mecanismos de reestruturação financeira das empresas, vão revelar-se muito importantes. É muitas vezes feita a acusação de que o crédito não chega à economia. Ora, na grande maioria dos casos, tal não acontece porque as empresas não apresentam balanços adequados, não têm possibilidade de apresentar garantias suficientes, estão descapitalizadas, não passam o crivo da avaliação de risco. E este, com a nova exigência da supervisão e regulamentação, não pode deixar de ser ainda mais rigoroso.

**I: Como pode a banca contribuir para os problemas de sobreendividamento? Pode dar exemplos?**

**FFO:** O sector bancário português vem já praticando medidas e soluções que visam resolver problemas dos clientes que não deixam de ter implicações na solidez dos bancos. É do interesse dos bancos resolver os problemas, as execuções são sempre o último recurso e também prejudicam os bancos. Por isso, praticam-se soluções construtivas, como são as reestruturações de crédito, a prorrogação dos prazos de financiamento, com a possibilidade de existência de períodos de carência de juros ou mesmo de capital. O objectivo é encontrar soluções equilibradas, tendo em conta os interesses comuns do cliente e do banco. É muito importante encontrar soluções que resolvam o problema dos cidadãos e das empresas, sem pôr em causa os balanços e a capacidade de financiamento da economia portuguesa por parte dos bancos.

Certas "soluções", pensadas para resolver casos conjunturais e pontuais, podem desencadear processos com custos elevadíssimos, para o país e para os contribuintes, se não forem analisados todos os seus impactos.

**I: Como vê a necessidade de a banca reforçar a confiança dos clientes?**

**FFO:** Uma das minhas principais preocupações é aumentar o nível de confiança Banca/Cliente. A relação da banca com os seus clientes tem de ser orientada por práticas que se insiram num grande rigor, numa grande seriedade e numa relação de grande confiança. Isso tem muito a ver com os códigos de boas práticas, deontológicos, e também com a

boa governação das instituições. Creio que o que se pratica em Portugal, neste domínio, está claramente de acordo com os melhores *benchmarks* que existem noutros países. Não importa só referir a resiliência e a modernidade dos bancos portugueses, importa também referir os enormes esforços que os bancos têm realizado para terem um comportamento exemplar em relação aos seus clientes.

**I: Como tem evoluído o trabalho da APB como representante do sector bancário?**

**FFO:** A complexidade e a variedade de assuntos que hoje fazem parte do trabalho da APB aumentou muito nos últimos anos. Isso obrigou a Associação a apetrechar-se com quadros de muita competência para ter capacidade de resposta às inúmeras consultas e questões que nos surgem, quer das autoridades públicas e de supervisão e regulação existentes em Portugal, quer das que nos chegam da Federação Bancária Europeia (FBE), da EBA e de outras instituições. Há neste momento, uma produção intensa de novos projectos e regulamentos, novas directivas, novas imposições colocadas ao sector bancário, que exigem muito estudo e aprofundamento, para defender não só o interesse dos bancos nacionais e dos portugueses, mas da própria integração financeira europeia.

**I: Nessas negociações há aspectos específicos que sejam importantes para os bancos portugueses?**

**FFO:** A APB responde a estas solicitações com o apoio de grupos de trabalho onde os bancos estão representados que têm sido de grande qualidade, dando contributos muito significativos, grande parte dos quais constam dos documentos finais. Devo dizer que estive recentemente numa reunião na Federação Bancária Europeia onde ouvi felicitações sobre a qualidade dos contributos da APB. Nestas matérias é de manifestar o muito apreço pelo trabalho do Centro de Estudos Financeiros da APB, que centraliza e desenvolve estes temas, dos representantes dos bancos e do IFB.

**I: Fora desse âmbito, há outras temáticas acompanhadas pela APB?**

**FFO:** Sem dúvida. A APB reformulou e desenvolveu novos suportes de comunicação para os seus vários públicos, reforçou a interacção com os seus Associados, promove uma conferência anual sobre temas de grande actualidade. Estendeu a sua acção a novas áreas como a parceria com a Entrajuda na área do microcrédito, o grupo de trabalho sobre segurança online e desenvolveu o programa de lite-

"... os colaboradores dos bancos portugueses devem sentir-se orgulhosos do desempenho do nosso sistema bancário..."

racia financeira para o sector bancário, que integra grande parte dos Associados. Neste domínio, recorde que a APB integra as comissões de acompanhamento do Plano Nacional de Formação Financeira (PNFF).

**I: Quais são na sua opinião os grandes drivers que orientarão a gestão de recursos humanos na banca nos próximos anos?**

**FFO:** Essa é uma questão verdadeiramente essencial. Neste processo de transformação do sistema bancário continua a ser determinante a qualidade e a qualificação dos recursos humanos. São os elementos mais importantes para a capacidade de resposta das instituições bancárias. A gestão do talento é a chave para o sucesso das instituições.

Há um novo paradigma no sector bancário: novas exigências de supervisão e de regulação, novos modelos de negócio e novas regras de contabilidade. Há, contudo, uma área determinante para o funcionamento das instituições bancárias: a relação com os clientes, que exige, cada vez mais, uma maior e melhor preparação, qualificação e especialização dos empregados bancários ao longo de toda a sua vida profissional, em áreas técnicas, tecnológicas e comportamentais.

Daí a importância do reforço das áreas de formação dos bancos e do recurso a instituições que possam colaborar activamente na melhoria da qualificação das pessoas que trabalham na banca. Não posso deixar de salientar, neste aspecto, o excelente contributo do IFB, e do ISGB para a qualificação dos trabalhadores bancários. É importante lembrar que, embora estejamos numa conjuntura onde a redução de custos das instituições é uma necessidade, a qualificação e preparação dos empregados bancários, seja qual for a área em que exerçam a sua actividade, não pode ser descurada, antes deve ser reforçada; as actualizações são uma necessidade premente, a formação ao longo da vida profissional, uma prática imprescindível.

**I: Que mensagem gostaria de dirigir aos empregados bancários que constituem a maioria dos nossos leitores?**

**FFO:** Em primeiro lugar, penso que os colaboradores dos bancos portugueses devem sentir-se orgulhosos do desempenho que o nosso sistema bancário tem tido face à prolongada e profunda crise que ainda vivemos; da atitude de orientação para o cliente que têm mantido, da grande disponibilidade e criatividade para responder a todos os desafios que se lhe têm colocado e do apoio que prestam às pessoas na gestão das suas poupanças – nas suas aplicações e na preparação da sua reforma.

É evidente que este trabalho terá de ser completado com Programas de Literacia Financeira que formem e informem as pessoas e que as ajudem a tomar opções financeiras responsáveis e sustentáveis para a sua qualidade de vida.

É preciso compreender que a crise financeira que Por-



**"... os bancos em Portugal não sobrecarregaram minimamente os contribuintes e tudo farão para apoiar o financiamento da economia, o investimento e o crescimento económico..."**

tugal vive não é uma crise bancária, não resulta de uma situação provocada pelos bancos portugueses. Pelo contrário, os bancos apoiaram com grande sentido patriótico e de dever o nosso país nos momentos mais difíceis, designadamente no primeiro quadrimestre do ano passado. Com excepção dos casos BPN e BPP, cujo historial todos conhecem, os bancos em Portugal não sobrecarregaram minimamente os contribuintes.

Os bancos têm sido objecto de adequada regulação e supervisão. Permito-me aqui destacar que o Governador do Banco de Portugal, e a instituição, tem tido uma acção ímpar em todo este período. Com grande clarividência e visão, vem antecipando as situações, delineando projectos, e mantendo um diálogo intenso com o Governo, o Sector e as instituições europeias, que merecem ser enaltecidos.

Os bancos, como já referi, permanecem sólidos. A sua gestão tem procurado ser o mais rigorosa possível, e tenho a certeza de que, independentemente da resolução da questão orçamental e das finanças públicas, os bancos tudo farão para apoiar o financiamento da economia, o investimento e o crescimento económico. Estarão, como referi, sempre na primeira linha desse desenvolvimento. ■